

# ALMEIDA GARRETT

## UM ROMÂNTICO, UM MODERNO

Vol. I



temas portugueses

IMPRESA NACIONAL-CASA DA MOEDA

## APRESENTAÇÃO

*Múltiplas circunstâncias adversas retardaram a publicação destas Actas, tornada, enfim, viável graças ao generoso empenho, que tanto agradecemos, da Imprensa Nacional-Casa da Moeda. Se a efeméride já vai longe, nem por isso perderam oportunidade os estudos aqui reunidos: sondando múltiplas facetas do Escritor-Cidadão que Garrett foi, documentam, sob ângulos por vezes novos, como ele continua para nós, através da sua obra e da sua acção, um interlocutor fascinante, quer porque «representa», com inteligência e subtileza, um tempo fulcral do devir português, quer porque nos fala, com inovadora ductilidade, de preocupações, afectos, sonhos e desaires que tão entretecidos estão com a identidade nacional e a nossa condição simplesmente humana.*

*Terá sido realizado, pois, em grande parte o objectivo que presidiu à organização do Congresso — revivificar a presença de Garrett, fundadora e sempre viva, no património português, propondo um balanço dos estudos que lhe têm sido consagrados, enriquecido por modernas perspectivas de análise. A complexidade do seu itinerário ideológico e estético, a modernidade do seu desenvolvimento modo de ser, de pensar, de escrever, a sua situação no Romantismo europeu, a sua projecção no mundo lusófono, ficam em relevo maior com estes estudos, a cujos autores endereçamos um vivo agradecimento, pedindo desculpa pela demora na vinda a lume dos seus textos.*

*Na seriação dos trabalhos, preferimos ao critério simples da ordem alfabética do nome dos autores o da criação de algumas rubricas que dispusessem os textos em função da matéria tratada; a compartimentação feita não conseguiu, porém, evitar a reunião, por vezes, de textos de diversa índole e o discutível enquadramento de alguns deles.*

*À Doutora Maria Helena Jacinto Santana é devido um agradecimento particular pela preciosa colaboração dada à organização destes volumes.*

Coimbra, Abril de 2003.

OFÉLIA PAIVA MONTEIRO

# **SESSÃO DE ABERTURA**



Num inflamado poema datado de 1820 e escrito a propósito da data libertadora do 24 de Agosto, Almeida Garrett exclama: «A pátria é pátria já, nós somos homens!»

Quem este verso escreve é um jovem que, nos albores dos seus pouco mais de vinte anos, não por acaso escolhe a palavra poética para celebrar a conquista da liberdade. Noutras palavras: é este já um escritor para quem a criação literária, como discurso cultural, não é uma prática desligada daquilo que o envolve. E o que o jovem escritor testemunha, em 1820, é o surgimento de um mundo novo, mundo generoso de promessas libertadoras e igualitárias. Mais tarde, depois de ter conhecido a experiência do exílio, o entusiasmo de duas revoluções e os desencantos daquilo que depois delas veio, um Garrett mais maduro e mais sereno declara ainda: «Este é um século democrático; tudo o que se fizer há-de ser pelo povo e com o povo... ou não se faz.»

O escritor que hoje celebramos foi bem um escritor do seu século, porque o viveu intensamente e porque com entusiasmo participou nas transformações que dele fizeram um tempo histórico prolongado muito para além das datas que o balizaram. É esse escritor — também parlamentar brilhante, homem de teatro, legislador, polemista, historiador e crítico — que as Comemorações que hoje aqui se iniciam tratarão de trazer até ao nosso tempo. Para que melhor o entendamos e para devidamente o valorizarmos, de acordo com um princípio

que o próprio Garrett lapidadamente exarou: «É preciso entender para apreciar e gostar.»

A Comissão Nacional do Bicentenário de Almeida Garrett foi criada no âmbito do Ministério da Cultura e conta também, como não podia deixar de ser, com o apoio do Ministério da Educação. Cabe-lhe dinamizar, apoiar e divulgar iniciativas que condignamente evoquem o legado de um escritor que muito amou a sua terra, que nela viajou para, buscando entendê-la, poder «apreciar e gostar» o que via e vivia. Por isso, é com júbilo que hoje, nesta Universidade de Coimbra onde Garrett passou os anos da sua juventude estudantil, a Comissão Nacional a que tenho a honra de presidir se associa à abertura daquelas que serão por certo duas das mais destacadas realizações deste bicentenário: o Congresso Internacional «Garrett: um Romântico, um Moderno» e a Exposição Bibliográfica, Iconográfica e Documental patente a partir de hoje na Biblioteca Geral desta Universidade.

Trata-se, pois, de estudar Garrett, de reler Garrett, de reinterpretar os seus textos, os seus gestos culturais, as suas intervenções cívicas, as suas práticas teatrais, as suas doutrinas estéticas, muito do que dele fez e faz alguém radicalmente moderno; alguém que, por força de uma vocação ingénita que era também a do tempo novo em que viveu, quis protagonizar muitos papéis e muitas acções, buscando resolver, em si e nos demais, contradições não raro vividas em registo de drama, numa dupla acepção que é a que evoca, em Garrett, o conflito e o acto de o encenar: no palco e na vida. E trata-se também de revisitar a bibliografia e o espólio garrettiano que nesta Universidade se guarda: os seus papéis, os livros que escreveu, os estudos que motivou, a iconografia que o acompanhou. Assim, a Universidade cumpre uma sua e bem nobre função, para além (ou, de certa forma, ainda aquém...) do acto de ensinar aqueles que a procuram, que é a função de indagar, questionar e discutir; assim se confirma o que já se sabe, mas que não raro se esquece: que um Congresso universitário, sendo fórum privilegiado para um trabalho de intensa reflexão crítica e analítica, deve ser, sem pudores nem complexos, a soberana ocasião para fazer avançar um saber que só se esgota quando é escassa a vontade, a imaginação e a matéria que o suscita. Não é seguramente o caso de Garrett nem o daqueles que aqui hão-de estudá-lo.

As Comemorações Nacionais do Bicentenário de Almeida Garrett contam, evidentemente, com muitas outras iniciativas, de dimensão, âmbito e localização muito diversificadas: reuniões científicas, publicações, exposições, actividades escolares, espectáculos teatrais e musicais. Nelas há-de estar envolvida a atenção dos que acreditam que vale a pena estudar Garrett e o seu tempo para, de novo, melhor o apreciarmos. Das Comemorações há-de estar, por outro lado, afastado o temor de que elas intensifiquem a institucionalização e a canonização do escritor: um temor que só faria sentido se a instituição e o cânone fossem entendidos como factores de estagnação do juízo crítico e de propagação do lugar-comum. Se assim fosse — e por certo que o não será — estaria esquecida a lição garrettiana de constante insatisfação e mesmo rebeldia perante o que está estabelecido e parece eterno.

O facto de o poder político dinamizar e acompanhar as Comemorações do Bicentenário de Almeida Garrett é então, neste contexto, natural e de certa forma obrigatório. Ele deve ser entendido — tal como, atrevo-me a pensar, a presença de Sua Excelência o Senhor Presidente da República nesta cerimónia — como um gesto de homenagem e de estímulo que não constrange nem restringe a iniciativa de todos os que se revêem em Garrett e naquilo que nos legou.

Depois das Comemorações muito ficará, por certo: o que delas se espera e deseja é um Garrett recuperado e rejuvenescido na nossa memória cultural; um Garrett revitalizado por leituras que reafirmem a extraordinária relevância deste escritor e deste homem de acção que longamente se bateu para que o mundo antigo que encontrou fosse superado por um mundo novo, mundo em que os valores em que acreditou — os valores da liberdade e da rebeldia, da fraternidade e da solidariedade — não fossem sentidos vazios de referência ou limitados na sua prática social. Por isso e para isso, Garrett confiou no poder da palavra e na capacidade de subversão da língua literária. Essa língua literária que dificilmente seria aquilo que, depois de Garrett e graças a ele, muitos outros escritores da nossa literatura cultivaram e aprofundaram, sob o signo da mesma crença. E também, conclua-se, sob o signo de uma persistente vivência romântica de que Garrett foi, entre nós, expoente máximo, porque soube antecipar uma vocação que para além dele sobreviveu: essa mesma vivência romântica que, um dia, um insuspeito engenhei-



ro naval chamado Álvaro de Campos reconheceu, em tom não isento de ironia: «Produtos românticos, nós todos... / E se não fôssemos produtos românticos, se calhar não seríamos nada.»

CARLOS REIS

*Presidente da Comissão Nacional para a Comemoração  
do 2.º Centenário do Nascimento de Garrett*

Aqui, neste moderno auditório da velha e nova Universidade de Coimbra, iniciamos hoje, sob a honrosa égide do representante máximo do País — o Senhor Presidente da República —, a longa série de actividades que, sob tantas formas e em tantos locais, comemorarão num âmbito nacional, ao longo deste ano singular que quase põe termo ao século e ao milénio, os duzentos anos do nascimento de Garrett. Que significa tanta energia — e calorosa energia — acordada ao nome de Garrett? O imperativo cultural de celebrar, reavivando-o na memória colectiva onde um pouco se esbateu, um vulto cimeiro dos que empenhadamente construíram Portugal, quer ajudando-o a pensar-se e a fazer-se nessa turbulenta primeira metade de Oitocentos em que, por entre altos e baixos, nasceu o País moderno, quer continuando depois a «provocar» a nossa aptidão reflexiva, o nosso imaginário, a nossa capacidade de fruição literária. E como conseguiu Garrett esse papel «fundador» e «educador»? Olhando com lucidez crítica o que à sua volta acontecia, aqui e na Europa, sonhando com Liberdade e Justiça da juventude à maturidade; lançando-se corajosamente à acção pela palavra — no jornalismo, na intervenção parlamentar, no ensaio, na poesia, no teatro, no romance —, pois sentia, viva, a responsabilidade cívica, ou simplesmente humana, do intelectual e do escritor; lutando contra o espírito de sistema, a fragmentação partidária, a lei crua e feia do interesse; indo ao encontro das nossas tradições populares e dos

mitos da nossa cultura, ou dizendo a dificuldade e a ardência de «ser homem» em representações ficcionais dos sonhos, empenhamentos, perplexidades, incongruências, remorsos e desenganos de uma «combatida existência», em que o sentimento irmão nosso; e depois, escrevendo com nova ductilidade, e conversando — conversando com inteligência, graça e ironia como faz com o leitor nesse «inclassificável» livro das *Via-gens* —, e passeando a sua elegância dândi nos espaços públicos e nos salões, e rindo-se de si mesmo e da literatura «melancolicamente chocha» ou repleta de sangue e maldições que deleitava o grande público, ensinando-nos com tudo isso a ginastigar o espírito, a polir o gosto, a perder certa gravidade balofa ou certa tacanhez espessa, a ganhar, em suma, civilidade.

Celebremos, pois, Garrett, que boas razões temos para tanto. E a estimulá-las, na Universidade de Coimbra, por onde ele passou, jovem alegre e galhardo liberal, esteve a singular e feliz circunstância de aqui termos reunida, graças à devoção de alguns ao escritor e à confiança que depositaram na conimbricense «Alma Mater», a quase totalidade do seu espólio, um espólio riquíssimo que, tendo na Biblioteca Geral a grande sede e na Sala Ferreira Lima da Faculdade de Letras outro espaço notável, permite perscrutar o escondido ofício do escritor, nos tentames da sua faculdade imaginante e da procura da forma mais capaz de envasar o que lhe ia no espírito e no coração.

Daí e do desejo de vivificar o conhecimento de Garrett nas suas facetas tão múltiplas, dando-lhe no devir da nossa cultura e no cânone da nossa literatura a função angular que tem, a vontade de promovermos uma pluridisciplinar congregação de esforços estudiosos, concretizada neste Congresso Internacional que reúne universitários de variada proveniência e de diversa formação, cujos contributos permanecerão para o futuro nas Actas a publicar; a de levarmos a efeito, sob a responsabilidade máxima do Prof. Aníbal de Castro, Director da Biblioteca Geral, uma grande exposição bibliográfica, iconográfica e documental; também a de consagrarmos a Garrett, precariamente editado ainda, um trabalho aturado — longo com certeza — de investigação textual, que se traduzirá no lançamento da edição crítica da sua obra completa, e, para divulgação do escritor num público mais alargado, a provável concepção de um CD-ROM interactivo e uma edição, esclarecida por prefácios e notas de carácter didáctico, de algumas das suas obras mais notáveis.

Não poderia terminar esta alocução sem mencionar reconhecidamente o esforço que todos os elementos da Comissão Organizadora destas comemorações coimbrãs do Bicentenário de Garrett — os «seniores» e os «juniores» — puseram na sua concretização e o empenho que lhe consagraram os organismos promotores em que se enquadram (a Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra e os Institutos de Língua e Literatura Portuguesas e de Estudos Teatrais da Faculdade de Letras); sem agradecer à Reitoria da Universidade e ao Conselho Directivo da Faculdade de Letras os tantos apoios de vária índole que nos deram, indispensáveis à montagem e prossecução do conjunto de actividades programadas; sem manifestar reconhecimento à Cooperativa Bonifrates e ao Teatro Académico Gil Vicente pelo espectáculo com que nos vão deliciar, criado sobre *As Profecias do Bandarra*, de Garrett; sem dizer, em significativo lugar último, porque determinante, um penhorado obrigada às instituições públicas e privadas que nos deram a honra de acreditar no nosso esforço, apoiando-o moral e materialmente: — a Assembleia da República, o Ministério da Cultura, o Instituto Camões, a Fundação para a Ciência e a Tecnologia, a Comissão Nacional para o Bicentenário de Garrett, a Câmara Municipal de Coimbra, a Fundação Calouste Gulbenkian, a Fundação Engenheiro António de Almeida, a Fundação Luso-Americana para o Desenvolvimento, a Fundação Cupertino de Miranda, a Fundação Luso-Brasileira para o Desenvolvimento do Mundo de Língua Portuguesa e a Caixa Geral de Depósitos.

Uma última palavra para saudar todos os presentes, manifestando quanto nos rejubila ver que Garrett convoca tantos estudiosos ou, simplesmente, tantos leitores, dispostos a conhecê-lo melhor, escritor-cidadão, romântico e moderno.

OFÉLIA PAIVA MONTEIRO

*Presidente da Comissão Organizadora  
das Comemorações Garretianas  
na Universidade de Coimbra*



Com a abertura do Congresso Internacional «Garrett: um Romântico, um Moderno» iniciam-se as comemorações dos duzentos anos do nascimento deste grande português.

Penso que não haveria melhor maneira de o fazer. Reunir, na Universidade em que ele estudou, os eminentes especialistas, portugueses e estrangeiros, da sua obra, da sua acção e da sua época para reavaliarem as múltiplas facetas do seu legado é, com efeito, pôr em evidência a espantosa actualidade de Almeida Garrett, a sua modernidade, como refere o lema sob o qual decorre este Congresso.

Ao olharmos, a dois séculos de distância, para a figura do autor das *Viagens na Minha Terra*, o sentimento que nos invade é o de admiração, no duplo sentido de espanto e de apreço. É, de facto, espantoso que um homem que viveu apenas 55 anos tenha deixado uma obra tão variada e tão ampla, tão profundamente inovadora, tão cheia de consequências para o futuro. E quando falo de obra refiro-me à sua obra literária, mas também à sua obra como doutrinário, político, pedagogo, jurista, legislador, jornalista, estadista e reformador.

Depois, a este sentimento de espanto, junta-se o sentimento de apreço e respeito pela extraordinária abundância e versatilidade dos seus talentos e aptidões, pela proficuidade do seu trabalho, pela universalidade dos seus interesses, pelo poder visionário do seu génio.

Quase tudo o que foi fundador, transformador e reformador da mentalidade e da sociedade portuguesa do seu tempo, que

foi um tempo fulcral de mudança, teve a sua colaboração ou a marca das suas ideias.

Garrett foi, como nos melhores momentos aconteceu na nossa história, o exemplo de um grande homem de letras e de um grande homem de acção, de um grande escritor e de um cidadão exemplar, de um português excepcional, de um europeu de grande visão, de um homem do Mundo. Agiu em nome de um pensamento, de uma concepção da vida, do homem e da sociedade, de uma doutrina. Esse pensamento, essa concepção e essa doutrina não eram, porém, nem dogmáticas, nem rígidas, nem fechadas. Ele próprio os submeteu à crítica, ao confronto com a realidade e com as opiniões contrárias, à evolução do próprio Mundo.

Percorrer a produção doutrinária, política e autobiográfica de Garrett é assistir ao percurso de um pensamento que ousa enfrentar as suas próprias contradições, que não teme mudar de opinião para não mudar de princípios, que se organiza em íntimo contacto com a vida, com a experiência e com a observação.

Toda a sua obra, toda a sua acção são unificadas por uma ideia fundamental de renovação, regeneração e renascimento de Portugal, que tinha na liberdade, na identidade e no regresso às fontes criadoras da cultura popular as suas traves mestras. Na política, na sociedade, na literatura, o autor de *Frei Luís de Sousa* foi um dos grandes protagonistas da passagem de um tempo antigo a um tempo novo, de um Mundo a outro Mundo.

Como escritor, renovou profundamente a língua e as formas literárias. O seu trabalho de pesquisa, de recolha, de teoria foi imenso. As suas criações literárias mais marcantes têm uma vitalidade e uma originalidade que mantêm intacto o poder de sedução.

Como homem de cultura, entre tantas causas que defendeu, instituiu e organizou o ensino artístico, lutou pela democratização da cultura, pela valorização das fontes da nossa identidade e das formas populares de cultura, pela defesa do património e dos direitos da propriedade literária, pela independência dos intelectuais.

Como legislador, foi fundamental o seu contributo na configuração do constitucionalismo liberal, na elaboração da Constituição de 1838, nas novas leis eleitorais e de liberdade de imprensa, na reforma do Código Administrativo e nas refor-

mas fundamentais de Mouzinho da Silveira e de Passos Manuel, que mudaram o País.

Como cidadão, político, deputado e homem de Estado, foi um combatente heróico pela liberdade, combate que lhe valeu a Torre e Espada, um tribuno ímpar, um diplomata de visão ampla. As suas reflexões sobre a Europa («reequilibrar Portugal na balança da Europa», como ele dizia) são de um acutilante sentido de futuro e os seus projectos sobre educação e ensino público são ainda hoje do maior interesse. Já então classificou a educação como «a mais difícil e a mais importante de todas as reformas».

Lutador pela liberdade, foi ainda um homem preocupado com a dignidade cívica de todos e com a injustiça social. Não se furtando, quando as circunstâncias o exigiam, a ser um polemista notável e um adversário temível, pautou, todavia, a sua intervenção na vida pública pela moderação e por um apurado sentido do interesse do País e do Povo, da causa da democracia e do liberalismo.

Muito mais se poderia enumerar do que Garrett fez e das marcas que deixou, da poderosa influência que exerceu. Há textos seus que poderiam ter sido escritos hoje, sem que, para tanto, lhe precisássemos de alterar uma vírgula.

Aquele que fundou o romantismo português sob a égide de Camões, soube como poucos — e entre esses poucos está, naturalmente, a grande figura moral e intelectual de Alexandre Herculano — ser fiel ao seu tempo e às suas preocupações, ao que nesse tempo era já abertura, energia e impulso transformador virado ao futuro. Por isso, o sentimos tão nosso, tão contemporâneo das nossas perplexidades e das nossas aspirações. Hoje, como há dois séculos, temos de enfrentar os desafios de um tempo em mudança ainda mais radical e acelerada. Hoje, como há dois séculos, temos de saber fazer as reformas que preparem o País para estar à altura das responsabilidades que lhe cabem na Europa e no Mundo.

Duzentos anos passados sobre o seu nascimento, comemorar Garrett é fazer nossas as causas que foram as suas: a da liberdade, a do reforço da identidade portuguesa, a da Europa, a da educação, a da modernização do País e da democratização da cultura, a do combate por um Portugal mais confiante nas suas capacidades.

Agradeço, muito reconhecido, o convite que me fizeram para estar aqui hoje, convosco. Saúdo todos os participantes e



convidados, felicitando a Comissão Organizadora do Congresso e a sua Presidente, Prof.<sup>a</sup> Doutora Ofélia Paiva Monteiro, que tem dedicado a sua vida, a sua inteligência, a sua competência científica ao estudo da obra e da vida de Almeida Garrett. Desejo o maior êxito aos trabalhos desta magna reunião garrettiana, na qual, estou certo disso, o nosso grande escritor, se lhe fosse possível, muito gostaria de participar, com o fulgor do seu verbo e com aquela disposição que o levava a dizer, sobre si e sobre os outros, o que pensava.

Bom trabalho!

JORGE SAMPAIO

*Presidente da República*

#### AUTORES INTERVENIENTES NESTE VOLUME

- ÁLVARO MANUEL MACHADO — Almeida Garrett e o paradigma romântico europeu: modelos e modas.
- CARLOS CEIA — *Tristram Shandy* e *Viagens na Minha Terra*: paradigmas da metaficção.
- CARLOS REIS (discurso proferido na sessão de abertura).
- CARLOS REIS — As *Viagens* como hipertexto: hipóteses de trabalho.
- CLEONICE BERARDINELLI — *Ex digito, gigas* (uma leitura de *D. Branca*).
- CRISTINA A. M. DE MARINHO — De uma versão setecentista portuguesa do *Cato* de Addison ao *Catão* de Almeida Garrett.
- EDUARDO LOURENÇO — Garrett e a figura espectral.
- ELENA LOSADA SOLER — A construção de Carlos como herói romântico em *Viagens na Minha Terra*.
- FERNANDO VIEIRA PIMENTEL — Modernidade e romantismo em Almeida Garrett (2). O nascimento do autor moderno no *Frei Luís de Sousa*.
- GABRIEL AUGUSTO COELHO MAGALHÃES — Garrett e Rivas: dois românticos peninsulares.
- HELENA CARVALHÃO BUESCU — A enciclopédia de Garrett enciclopedista.
- HELDER MACEDO — Garrett no romantismo europeu.
- JOÃO CAMILO DOS SANTOS — Garrett perplexo e experimental: pressentimento do futuro, inauguração da modernidade.
- JORGE SAMPAIO (discurso proferido na sessão de abertura).
- JOSÉ RIBEIRO FERREIRA — As imitações e versões garrettianas de *Anacreonte*.
- KATHRYN BISHOP-SÁNCHEZ — Nas pegadas de Rousseau: o bom selvagem e o culto da natureza na lírica de Garrett.

- LADAN EFTEKHARI — Almeida Garrett et João Domingos Bontempo, co-fondateurs du Conservatoire d'Arts Dramatiques.
- LÉLIA PARREIRA DUARTE — Ironia romântica e modernidade em *Viagens na Minha Terra*.
- LOLA GERALDES XAVIER — Os prólogos doutrinários de Garrett nos domínios da sua estética teatral.
- LUCIANA STEGAGNO PICCHIO — «Os olhos verdes que eu vi»: variações garrettianas sobre um tema medieval.
- MARIA ALZIRA SEIXO — Viagens da identidade.
- MARIA EDUARDA VASSALLO PEREIRA — *Viagens*, texto e didascálias: aristocracia da leitura e figurações da autoria.
- MARIA DE FÁTIMA MARINHO — (Re)lendo *D. Branca*.
- MARIA DE LOURDES A. FERRAZ — Da inquietação do poeta à constituição de uma personalidade poética.
- MARIA LUÍZA RITZEL REMÉDIOS — *Viagens na Minha Terra*, de Almeida Garrett: a viagem, a nação e o autobiografismo.
- MARIA DA NATIVIDADE PIRES — *Romance da Silvana e Adozinda*. Da memória colectiva à criação individual.
- MARIA TERESA NASCIMENTO — Os sumários em *Viagens na Minha Terra*, um jogo entre a contenção e a extensão.
- OFÉLIA PAIVA MONTEIRO (discurso proferido na sessão de abertura).
- OFÉLIA PAIVA MONTEIRO — *Deus, Natureza, Homem* no universo garrettiano.
- ORLANDO GROSSEGESSE — «Ao menos, juntos morreremos...» A construção da identidade individual e nacional em *Camões* de Almeida Garrett.
- PEDRO SERRA — Linguagem, memória e história nas *Viagens na Minha Terra*.
- PERE FERRÉ — Breves notas em torno do *Romanceiro* de Almeida Garrett.
- TERESA CERDEIRA DA SILVA — De viagens e viajantes.

## ÍNDICE GERAL

(Vol. I)

<i>Apresentação</i> .....	7
---------------------------	---

### SESSÃO DE ABERTURA

Discurso do Presidente da Comissão Nacional para a Comemoração do Bicentenário do Nascimento de Garrett ( <i>CARLOS REIS</i> ) .....	11
Discurso da Presidente da Comissão Organizadora das Comemorações Garretianas na Universidade de Coimbra ( <i>OFÉLIA PAIVA MONTEIRO</i> ) .....	15
Discurso de Sua Excelência o Senhor Presidente da República ( <i>JORGE SAMPAIO</i> ) .....	19

### COMUNICAÇÕES

O ESCRITOR: POÉTICA — TEMAS E FORMAS — AFINIDADES

ENQUADRAMENTOS

Garrett no romantismo europeu, <i>HELDER MACEDO</i> .....	29
Almeida Garrett e o paradigma romântico europeu: modelos e modas, <i>ÁLVARO MANUEL MACHADO</i> .....	39
Garrett e Rivas: dois românticos peninsulares, <i>GABRIEL AUGUSTO COELHO MAGALHÃES</i> .....	51

LEITURAS TRANSVERSAIS

Garrett e a figura espectral, <i>EDUARDO LOURENÇO</i> .....	65
A enciclopédia de Garrett enciclopedista, <i>HELENA CARVALHÃO BUESCU</i> .....	73
Garrett perplexo e experimental: pressentimento do futuro, inauguração da modernidade, <i>JOÃO CAMILO DOS SANTOS</i> .....	93
<i>Deus, Natureza, Homem</i> no universo garrettiano, <i>OFÉLIA PAIVA MONTEIRO</i> .....	109

VIAGENS NA MINHA TERRA

As <i>Viagens</i> como hipertexto: hipóteses de trabalho, <i>CARLOS REIS</i> .....	133
Viagens da identidade, <i>MARIA ALZIRA SEIXO</i> .....	145
Ironia romântica e modernidade em <i>Viagens na Minha Terra</i> , <i>LÉLIA PARREIRA DUARTE</i> .....	151
<i>Tristram Shandy</i> e <i>Viagens na Minha Terra</i> : paradigmas da metaficção, <i>CARLOS CEIA</i> .....	159
A construção de Carlos como herói romântico em <i>Viagens na Minha Terra</i> , <i>ELENA LOSADA SOLER</i> .....	177
Linguagem, memória e história nas <i>Viagens na Minha Terra</i> , <i>PEDRO SERRA</i> .....	187
<i>Viagens na Minha Terra</i> , de Almeida Garrett: a viagem, a nação e o autobiografismo, <i>MARIA LUÍZA RITZEL REMÉDIOS</i> .....	215
<i>Viagens</i> , texto e didascálias: aristocracia da leitura e figurações da autoria, <i>MARIA EDUARDA VASSALLO PEREIRA</i> .....	227
Os sumários em <i>Viagens na Minha Terra</i> , um jogo entre a contenção e a extensão, <i>MARIA TERESA NASCIMENTO</i> .....	235
De viagens e viajantes, <i>TERESA CRISTINA CERDEIRA DA SILVA</i> .....	243
«Os olhos verdes que eu vi»: variações garrettianas sobre um tema medieval, <i>LUCIANA STEGAGNO PICCHIO</i> .....	253

POEMAS LÍRICO-NARRATIVOS E ROMANCEIRO

<i>Ex digito, gigas</i> (uma leitura de <i>D. Branca</i> ), <i>CLEONICE BERARDINELLI</i> .....	273
(Re)lendo <i>D. Branca</i> , <i>MARIA DE FÁTIMA MARINHO</i> .....	283

«Ao menos, juntos morremos...» A construção da identidade individual e nacional em <i>Camões</i> de Almeida Garrett, <i>ORLANDO GROSSEGESSE</i> .....	303
Breves notas em torno do <i>Romanceiro</i> de Almeida Garrett, <i>PERE FERRÉ</i> .....	315
<i>Romance da Silvana e Adozinda</i> . Da memória colectiva à criação individual, <i>MARIA DA NATIVIDADE PIRES</i> .....	329

#### POESIA LÍRICA

Da inquietação do poeta à constituição de uma personalidade poética, <i>MARIA DE LOURDES A. FERRAZ</i> .....	341
As imitações e versões garrettianas de <i>Anacreonteia</i> , <i>JOSÉ RIBEIRO FERREIRA</i> .....	353
Nas pegadas de Rousseau: o bom selvagem e o culto da natureza na lírica de Garrett, <i>KATHRYN BISHOP-SÁNCHEZ</i> .....	369

#### TEATRO

Modernidade e romantismo em Almeida Garrett (2). O nascimento do autor moderno no <i>Frei Luís de Sousa</i> , <i>FERNANDO VIEIRA PIMENTEL</i> .....	385
De uma versão setecentista portuguesa do <i>Cato</i> de Addison ao <i>Catão</i> de Almeida Garrett, <i>CRISTINA A. M. DE MARINHO</i> .....	403
Os prólogos doutrinais de Garrett nos domínios da sua estética teatral, <i>LOLA GERALDES XAVIER</i> .....	413
Almeida Garrett et João Domingos Bomtempo, co-fundateurs du Conservatoire d'Arts Dramatiques, <i>LADAN EFTEKHARI</i> .....	423
<i>Autores intervenientes neste volume</i> .....	431